



<https://doi.org/10.51880/ho.v27i3.1390>



Arquitetura vernacular narrada: as casas dos imigrantes italianos de Pelotas descritas por seus descendentes

Vanessa Patzlaff Bosenbecker*

ORCID iD 0000-0002-8075-6427

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Rio Grande, Brasil

Fábio Vergara Cerqueira*

ORCID iD 0000-0001-8864-7762

Universidade Federal de Pelotas, Departamento de História, Pelotas, Brasil

Resumo: A região da “Antiga Pelotas” é rica em bens arquitetônicos com valor patrimonial que ainda não receberam valorização institucional e, portanto, encontram-se invisibilizados. Intencionamos identificar a importância das casas de pedra dos imigrantes italianos da Colônia Maciel, exemplares desses bens, para a constituição das identidades dos “colonos”. Utilizamos a metodologia de História oral híbrida, combinando o acervo de entrevistas do Museu Etnográfico da Colônia Maciel com a literatura sobre arquitetura vernacular e da imigração italiana. Inicialmente, analisamos o acervo com base na teoria da História oral. Em seguida, buscamos compreender a importância atribuída às edificações remanescentes pelos detentores desses bens. Um tema comum nas narrativas é a ênfase nas lembranças de dificuldades e escassez, que são elementos identitários desses sujeitos. É possível observar que a materialidade das casas de pedra serve como testemunho da superação das adversidades enfrentadas.

Palavras-chave: História Oral. Casas de Pedra. Arquitetura Vernacular. Imigração Italiana.

Narrated Vernacular Architecture: The italian immigrants houses in Pelotas described by their descendants

Abstract: *Antiga Pelotas* region is rich in architectonic heritage with asset value that hasn't been received

* Mestra e doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Arquiteta e Urbanista. Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). E-mail: vanessa.bosenbecker@riogrande.ifrs.edu.br.

* Doutor em Ciência Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Titular do Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Historiador. Pesquisador CNPQ PQ-1d. Humboldt-Foundation Research-Fellow. E-mail: fabiovergara@uol.com.br.

institutional appreciation yet, thus remain invisible. Our intention is to identify the relevance of the stone houses built by Italian immigrants in *Colônia Maciel*, which are examples of these heritages, in their “*colonos*” identity formation. Hybrid oral history methodology was used, combining the collection of interviews from the Ethnographic Museum of *Colônia Maciel* with vernacular architecture and Italian immigration literature. Initially, the collection was analysed based on oral history theory, followed by the understanding of the importance attached to the remaining buildings by these heritages’ owners. A common theme in narratives is the emphasis on memories of difficulties and scarcity, which are identifying elements for these individuals. It is possible to observe that the stone houses materiality serves as a testimony about the overcoming the adversities faced.

Keywords: Oral History. Stone Houses. Vernacular Architecture. Italian Immigration.

A zona rural da “Antiga Pelotas”,¹ no sul do estado do Rio Grande do Sul (RS), possui um extenso acervo de bens arquitetônicos de interesse patrimonial, sem patrimonialização institucional, mas de grande significância para a constituição das identidades de seus detentores. Neste trabalho, selecionamos um tipo de bem com patrimonialidade (Poulot, 2009): as casas edificadas no último quartel do século XIX por imigrantes italianos no entorno da Colônia Maciel (Figura 1). Nosso objetivo é compreender a natureza dessas casas e a importância que os sujeitos locais, descendentes desses imigrantes, lhes atribuem.



Figura 1 – Localização da área de estudo: Rio Grande do Sul/BR (a); Antiga Pelotas/RS (b); Colônia Maciel (aproximadamente)/Rincão da Cruz/Antiga Pelotas (c).

Fonte: elaborada pelos autores no *software* QGIS a partir de base cartográfica do IBGE (2020).

Nos séculos XVIII e XIX, Pelotas destacava-se pela produção saladeiril das charqueadas escravocratas, situadas na região da planície costeira ao sudeste do

1 “Antiga Pelotas” é a denominação adotada, a partir do “Inventário Nacional de Referências Culturais: Tradições Doceiras de Pelotas”, para designar, além do município de Pelotas, aqueles que desmembraram recentemente, a partir dos anos 1980, quais sejam, Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo e Turuçu.

município. No entanto, com a nova lei de terras e as leis que foram trazendo restrição à escravidão, a partir da metade do século XIX, os estancieiros perceberam oportunidades econômicas em empreendimentos diferentes, nas faixas de terra de que eram proprietários, na região da Serra dos Tapes, mas que até aquele momento não representavam atratividade econômica. Vislumbraram então a possibilidade de atrair colonos imigrantes europeus não-portugueses para explorar a agricultura em pequenas propriedades (Fetter, 2002).

Entre os anos de 1880 e o início do século XX, havia registro de 61 colônias de alemães, pomeranos, italianos e franceses em Pelotas (Anjos, 2000). Especificamente, a criação de colônias de imigrantes italianos na região da Antiga Pelotas tinha três objetivos: evitar a formação de “guetos” de alemães, diversificar a economia e replicar empreendimentos bem-sucedidos na Província de São Pedro, como ocorrera poucos anos antes no núcleo colonizatório formado nas terras devolutas da Serra do Sudeste, especificamente no Campo dos Bugres, onde veio a se formar Caxias do Sul (Gehrke, 2018).

Os primeiros italianos chegaram à Colônia Maciel em 1883 ou 1884. Na região, já existia uma rede de comércio estabelecida pelos alemães, o que facilitava o escoamento dos produtos dos italianos, embora também os tornasse dependentes do capital alemão (Peixoto, 2002).

Os grupos que colonizaram a Serra dos Tapes, incluindo os da Maciel, enfrentaram isolamento geográfico. Isso se deveu às longas distâncias até os centros urbanos e às vias de circulação em condições muito incipientes. Gehrke (2018) destaca que esse isolamento resultou em uma sensação de tempo mais lento para essas sociedades. As mudanças sociais e avanços tecnológicos levavam mais tempo para chegar a essas áreas.

Victoria (2010) diz que os primeiros imigrantes italianos não tinham uma identidade cultural italiana clara, pois a Itália se unificou em 1870. Assim, buscaremos compreender a casa e a maneira de construir do imigrante italiano da Serra dos Tapes, não necessariamente vinculando essa análise a um determinismo das raízes culturais progressas e sim buscando entender os mecanismos de adaptação.

Empregamos a metodologia de História oral híbrida,² utilizando o acervo de entrevistas do Museu Etnográfico da Colônia Maciel (Mecom), como fonte de dados, combinado com uma revisão bibliográfica. A revisão incluiu literatura sobre arquiteturas vernacular e da imigração italiana. O método utilizado envolveu a análise dos acervos de História oral, a seleção de entrevistas que mencionavam arquitetura e a valorização dos edifícios pelos sujeitos, bem como o diálogo entre essas narrativas e a literatura. O objetivo é criar um “retrato falado” (não literal) das edificações com base nos relatos dos descendentes, utilizando também falas informais e percepções pessoais dos pesquisadores durante as visitas aos edifícios.

2 História oral híbrida é a metodologia que propõe um diálogo entre fontes orais e arquivos documentais, no caso deste trabalho, literatura específica da área do estudo.

Joël Candau afirma que a memória nos molda e é moldada por nós. Isso resume a dialética da memória e da identidade. Para ele, elas se alimentam mutuamente, construindo trajetórias de vida, histórias, mitos e narrativas. A memória cria identidade, mas essa identidade também influencia as escolhas de memória de cada pessoa (Candau, 2011).

Candau (2020) distingue três tipos de memória: a **protomemória** (memória procedimental, *habitus*, de baixo nível), a **memória** propriamente dita (memória de recordações, enciclopédica, de alto nível) e a **metamemória** (representação, conhecimento e o que o sujeito diz da própria memória). Sob essa perspectiva, os trabalhos que se debruçam sobre fontes orais têm como material de análise a metamemória, pois somente ela pode ser efetivamente compartilhada. Temos acesso ao discurso (metamemória) e não ao conteúdo (memória).

Sabendo que cada sujeito faz as suas escolhas memoriais, que cada um opta por representar a sua memória de maneira diferente, compreendemos a narrativa como Alberti (2003, p. 1), como pistas para se conhecer o passado, “um passado que existiu independente dessas pistas, mas hoje só pode existir por causa delas e de outras”.

Para termos noção do contexto em que as entrevistas foram realizadas, apresentamos o Museu Etnográfico da Colônia Maciel (Mecom), responsável pelo acervo que utilizaremos como fontes. Ao longo da apresentação, propomos discussões acerca do acervo, baseadas na teoria e na metodologia de História oral.

O Mecom é um Projeto que integra o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O museu foi inaugurado em 2006, tendo como sede o prédio original da Escola Garibaldi, datado do ano de 1928, localizado na Colônia Maciel (Neis, 2014). Porém, devido a problemas estruturais no edifício, atualmente a sede física está desativada e o acervo do museu encontra-se na zona urbana do município, sob responsabilidade do LEPAARQ.

As entrevistas do Mecom abordam uma variedade de assuntos, como idioma, repressões no Brasil, viagem de navio, acomodação no *barracón* (onde a maioria dos imigrantes ficou hospedada durante um período após a chegada), primeiras casas, plantações, fabricação de vinho, tratamento de doenças, ensino, escolas, lendas, festas, sociabilidade, brincadeiras de criança, alimentação, utensílios, entre outros. Para este trabalho, nos interessa as falas relacionadas à construção e uso das edificações pelos imigrantes e seus descendentes. O objetivo é compreender as técnicas construtivas utilizadas, a seleção de materiais de construção e como as primeiras casas foram edificadas e mantidas. Esses temas foram abordados em 21 das 35 entrevistas, de forma mais ou menos detalhada.

As transcrições das entrevistas são claras e seguem as recomendações de manuais de História oral. Todas foram realizadas por alunos dos cursos de História e Geografia, conforme sugerido por Alberti (2013): buscando transcritores com domínio do

português, interesse pelo assunto e conhecimento prévio que sirvam de estímulo para um bom trabalho. As transcrições seguem as orientações de Alberti (2013) e Delgado (2010): indicam as falas do entrevistador, entrevistado e outras contribuições eventuais. Também sinalizam pausas, silêncios, risos e interjeições, bem como dúvidas do transcritor e eventuais problemas nas gravações.

Meihs (2005) categoriza o processo de “tradução de uma língua para outra” (referindo-se às línguas falada e escrita, gravação do áudio e transcrição em texto) em três fases: transcrição, textualização e transcriação. De acordo com Meihs, a primeira etapa é a transcrição absoluta, na qual as palavras ditas são registradas em estado bruto, mantendo perguntas, respostas e outros sons ambientes. A segunda fase é a textualização, na qual se eliminam as perguntas, sons, ruídos e erros gramaticais. A terceira etapa é a transcriação, um texto trabalhado que se baseia na narrativa original, mas passa por um processo de correções e revisões.

Observamos que o Mecom optou por fazer uma transcrição absoluta, provavelmente em virtude do objetivo das entrevistas, que era, além de fornecer subsídios para a criação do Museu, servir de fonte para pesquisas diversas e não definidas antes da execução do projeto de História oral, com a intenção de serem utilizadas de maneira secundária, como “História oral gerada em processo” (Freund, 2013). Dal Forno e Cerqueira (2011), integrantes do museu, confirmam isso, afirmando que a transcrição, a materialização da narrativa no papel, foi feita com o intuito de que as entrevistas pudessem ser analisadas e interpretadas, originando assim novas pesquisas e publicações.

De acordo com Freund (2013), na História oral convencional, o pesquisador seleciona os sujeitos e o tema da pesquisa e conduz as entrevistas com questões específicas. Por outro lado, na História oral gerada em processo, o pesquisador utiliza fontes produzidas com base nas entrevistas, como áudios, vídeos ou textos transcritos, para pesquisas que não foram planejadas no momento das entrevistas. Nesse método, o objetivo é coletar dados que possam ser úteis para vários pesquisadores.

Algumas justificativas e reflexões

Optamos por utilizar esse acervo em detrimento de novas entrevistas porque, atualmente, a grande maioria dos entrevistados pelo Mecom está com idade muito avançada ou já faleceu, dificultando ou impossibilitando o acesso a eles. As entrevistas foram realizadas em dois momentos: as primeiras no ano de 2000, quando os entrevistados tinham entre 70 e 90 anos e o segundo bloco nos anos de 2004 e 2005, com entrevistados que tinham entre 61 e 98 anos. Ou seja, atualmente, no ano de 2023, esses narradores têm ou teriam idades entre 78 e 115 anos.

Portelli (1997, p. 17) afirma que, “exatamente por dizer respeito a pessoas ‘comuns’ [...], a História oral se concentra nas pessoas médias, mas não raro considera mais *representativas* aquelas que são extraordinárias ou incomparáveis”. As pessoas entrevistadas são extraordinárias, pois pertencem à geração que conviveu com os imigrantes colonizadores da região estudada, e temos a oportunidade de ter contato com elas por meio das entrevistas. Essas pessoas são elos de ligação com os primeiros tempos da região e detêm memórias valiosas que podem ajudar na interpretação de como era a vida dos imigrantes nos primeiros anos no Brasil.

A História oral não é uma metodologia comumente utilizada por estudiosos da arquitetura, pois o foco destes estudos, em geral, está na materialidade dos objetos. No entanto, dado que a maioria das casas de pedra na região está em processo de arruinação, recorrer às narrativas das pessoas que conviveram com os construtores e utilizaram esses espaços se torna essencial para compreender a organização e o uso desses locais, assim como os materiais de construção originais que foram substituídos ao longo do tempo. Por meio das memórias dessas pessoas, podemos reconstruir (mentalmente) como eram essas casas. Além disso, buscamos identificar, tanto no dito expressamente quanto nas entrelinhas, a importância atribuída pelos entrevistados a essas casas.

Soma-se o fato de que a zona rural de Pelotas e das cidades vizinhas não recebe uma valorização oficial adequada em relação aos seus bens arquitetônicos; isso dificulta o acesso a informações sobre a arquitetura rural. Não existem inventários dos edifícios localizados nessa região nos arquivos das instituições e é difícil encontrar literatura que apresente e discuta esses bens arquitetônicos. As poucas publicações disponíveis sobre o assunto apenas mencionam alguns edifícios de maneira incipiente.

Considerando Dominique Poulot (2009), quando ele define que patrimonialização depende de um processo de construção social, a partir de um discurso que não necessariamente exclui tensões, mas que resulta em reconhecimento social e político, enquanto patrimonialidade tem relação com as potencialidades patrimoniais dos bens, consideramos ser possível afirmar que a ausência de patrimonialização dos bens arquitetônicos localizados na zona rural não exclui a presença de patrimonialidade nesses mesmos objetos edificados.

Na região rural da Antiga Pelotas, os residentes possuem uma clara compreensão da significância dos diversos elementos arquitetônicos, especialmente as casas de alvenaria de pedra, para a construção das identidades das comunidades locais. No entanto, nem todos expressam de forma explícita essa valorização do patrimônio material que possuem. Essa ausência de expressão pode ser atribuída a uma baixa autoestima que surge da predominância da arquitetura erudita de estilo eclético na zona urbana de Pelotas. A concepção de patrimônio da população local foi influenciada pelos inventários e tombamentos que priorizaram os elementos arquitetônicos eruditos e urbanos.

Resumidamente, os moradores rurais da região de Pelotas não se sentem

representados pela patrimonialização dos bens arquitetônicos na região. Por isso, muitos não classificam seus próprios bens como patrimônio, embora a patrimonialidade dessas construções seja sugerida nas entrelinhas de suas histórias.

Deste modo, a História oral se apresenta como uma metodologia oportuna, pois ela é considerada eficaz para dar conta da história dos homens infames – aqueles que são extraordinários, porém não têm fama – tal como descrevem Rios e Pereira, citando Foucault:

Tratamos dos infames não no sentido lato, mas como os entende Foucault, ou seja, sujeitos cujas experiências são costumeiramente ignoradas, somente se fazendo registrar quando, por ‘um acaso do destino’, tiverem suas trajetórias confrontadas com os mecanismos do poder. Os assim chamados infames são aqueles sujeitos e grupos ‘sem fama’, ou seja, aqueles que têm sido tradicionalmente considerados menores, marginais, periféricos ou secundários pelos grupos que conquistaram a prerrogativa de ocupar uma posição hegemônica em uma certa circunstância. (Rios; Pereira, 2021, p. 17).

E é assim, trazendo a narrativa dessas pessoas, descendentes de imigrantes europeus que se estabeleceram na região da Colônia Maciel, que intencionamos apresentar a arquitetura produzida por alguns desses imigrantes e a valorização patrimonial que esses narradores imprimem em seus discursos.

A chegada dos imigrantes italianos na Colônia Maciel

Era tudo mato e vieram de carreta de boi de Pelotas,³ carreta de boi de *três junta* puxando a carreta, e vieram pra Maciel, era tudo mato, no meio do mato. A minha mãe contava pra nós que na viagem parece que levaram trinta dias. Trinta dias levou da Itália pra chegar aqui. E diz que levou cada susto no navio... [risos]. Sabe que aquilo é vento, né, e às vezes atirava água, as ondas por cima do navio e aí levava cada susto, e sacudia. Ah, tinha medo, tinha dia que levava cada susto! (Antônio Aldrighi, 2005).

Senhor Antônio Aldrighi foi entrevistado no ano de 2005, quando tinha 82 anos. Seus avós, pais do seu pai, vieram da Itália pouco tempo após se casarem e com um filho pequeno, o “tio Eugênio”. Seu pai e outros oito tios nasceram no Brasil. Ele contou que seus avós, na Itália, moravam de favor na casa de alguém, e ele acredita que esse

3 Quando um colono se refere a “Pelotas”, ele está querendo dizer que o fato que narra aconteceu na zona urbana. Ainda que esse colono também more no município de Pelotas, porém na zona rural, nos discursos há uma divisão: “colônia”, refere-se à zona rural, e “cidade” ou “Pelotas”, à zona urbana.

alguém era o proprietário das terras em que trabalhavam, e tudo o que produziam para si devia ser dividido com os patrões. Ele explicou que “tinha muita gente e pouca terra”, e que devido a essa superpopulação, o governo italiano expediu o que ele chamou de “licença” para que os italianos que tivessem disposição e interesse viessem trabalhar no Brasil.

Senhora Irene Casarin Scaglione, entrevistada em 2000, quando tinha 89 anos, relata que seu pai migrou da Itália para o Brasil aos 18 anos. Ela tem várias memórias tanto de sua vivência quanto das histórias que seu pai e avós compartilhavam. Dona Irene, assim como outros colaboradores que serão apresentados depois, enfoca seu discurso nas dificuldades e escassez. Ela descreve que todos os italianos recém-chegados ficavam juntos em um grande prédio chamado “*barracón*”, construído pelo governo para abrigar essas famílias. Não havia separação por gênero ou idade; as famílias se acomodavam “num montinho que faziam para dormir”. Ela acredita que o governo fornecia apenas farinha de milho, já que todos comiam polenta em todas as refeições.

Dona Irene disse que apenas famílias com crianças pequenas recebiam autorização para ficar no *barracón* e que os pais dessas famílias foram empregados pelo governo para cortar dormentes para a estrada de ferro. Ela contou que seu avô, Giusto Casarin, foi um desses homens empregados pelo governo, e que com o pagamento que recebia por esses serviços, ele comprava mantimentos para a família.

Senhor Antônio Aldrighi descreveu o *barracón* com riqueza de detalhes. Após todos os outros imigrantes receberem suas terras, o avô de Antônio ficou com o prédio, onde criou os filhos e estabeleceu uma “casa de negócios”, um comércio. Por essa razão, Antônio frequentava o edifício. Conforme ele relatou, era uma casa ampla, com cerca de 30 a 40 metros de comprimento, construída principalmente com pau a pique. Na frente, havia um espaço coberto tão espaçoso e alto que, em algumas ocasiões, podiam levar um caminhão para descarregar ou carregar produtos, protegendo-se da chuva.

Assim como a senhora Irene, Seu Antônio também enfatiza aspectos relacionados a dificuldades e escassez. Ele relata que seu avô não era pobre como os demais imigrantes. O avô possuía um comércio na Itália e, por isso, abriu um comércio no Brasil. Entretanto, quando seus filhos casaram e saíram de casa, a situação financeira dessa nova geração não era favorável. Ele precisou sustentá-los com os produtos de seu comércio, sem cobrar nada, pois eles não tinham recursos para pagar pelo que consumiam.

Dona Irene e Seu Antônio não foram os únicos entrevistados que enfatizaram o passado de escassez e dificuldades nos primeiros tempos no Brasil. De fato, poucos deixam de mencionar as inúmeras dificuldades enfrentadas tanto na Itália quanto no Brasil, que envolviam a falta de recursos de diversos tipos, principalmente a escassez de alimentos. Cristiano Gehrke, que também utilizou o acervo de História oral do Mecom, combinado com outros materiais em sua tese, fez a seguinte consideração a respeito dessas narrativas focadas nas dificuldades:

Existe uma narrativa comum pautada em um passado histórico partilhado por todos os membros, que começa com grandes sacrifícios que tiveram início ainda em território europeu e se intensificaram na viagem e mesmo após a chegada ao Brasil. Em seguida, temos a superação das adversidades, a conquista do sucesso econômico, e, por fim, a invenção de tradições, baseando-se neste passado, com um claro objetivo de legitimar este discurso. (Gehrke, 2018, p. 136).

A respeito disso, Giralda Seyferth (1992, p.80) diz que: “o passado comum [dos camponeses, imigrantes europeus], relatado como experiência pioneira, repleta de dificuldades e lutas, é um dos elementos fundamentais na elaboração da identidade do colono”.

É importante destacar que os termos «colono» e «colônia» possuem significados variados, dependendo do contexto e do período histórico abordado. Cristiano Gehrke dedicou um subcapítulo de sua tese para traçar um percurso cronológico do uso desses termos e suas diferentes conotações. Nesse sentido, citamos um parágrafo organizado por ele, que menciona duas autoras, para fornecer as bases conceituais necessárias para a compreensão desses termos pelos leitores:

De acordo com Giralda Seyferth (2008, p. 250) a palavra ‘colônia’ pode ser entendida como um sinônimo de zona rural, ou seja, a pequena propriedade rural de cada colono. Colono, para Maria Catarina Zanini (2006, p. 51), ‘designava o pequeno proprietário, habitante das colônias, que tinha o seu sustentáculo no trabalho do grupo doméstico’, ou seja, no trabalho dos pais e filhos. Na visão da autora, ele ‘seria o equivalente a um camponês, em contraposição ao estancieiro ou fazendeiro, que utilizava, em sua propriedade, predominantemente a mão de obra assalariada e não familiar’. (Gehrke, 2018, p. 146).

No contexto deste trabalho, que se concentra nos imigrantes e seus descendentes que se estabeleceram em uma região rural da zona sul do estado do RS, os termos “colono” e “colônia” estão relacionados à autopercepção e heteropercepção étnica, geográfica, cultural e histórica desses indivíduos. Esses conceitos são utilizados para operacionalizar a narrativa sobre os camponeses, comunidades e zonas rurais envolvidas na pesquisa.

As primeiras casas dos imigrantes italianos na Colônia Maciel

1. O uso da terra como material de construção

Conforme mencionado anteriormente, os relatos de dificuldades e escassez permeiam todas as narrativas do passado, desde o período na Itália até a chegada ao

Brasil, continuando pelos anos subsequentes (e pelas gerações seguintes). Quando descrevem a construção das casas, essa característica novamente se destaca. A título de exemplo, compartilhamos um trecho do relato da senhora Maria Zanetti Formentin, entrevistada em 2000 aos 69 anos. Ao ser questionada sobre a casa de sua infância, ela disse:

Nem dá para falar, parecia uma olaria. Éramos 13 irmãos e aumentavam a casa para todos os lados. Era uma casinha velha, baixa, com portas de tábuas de serraria, não tinha nada de vidro, e a fechadura era somente uma tramela. (Maria Zanetti Formentin, 2000).

Seu Cesário Zanetti, irmão de Dona Maria, entrevistado em 2000 aos 79 anos, relatou que muitos colonos confeccionavam os próprios tijolos. Isso ocorria devido à abundância de lenha disponível para a queima, permitindo que eles produzissem tijolos de barro e os assassem no forno de suas casas.

Por outro lado, o senhor João Grupelli, entrevistado em 2005 aos 79 anos, compartilhou uma experiência distinta. Ele detalhou o processo de produção de tijolos na olaria de seu pai, Virgílio Grupelli, que migrou da Itália quando tinha aproximadamente seis anos de idade. De acordo com João Grupelli, seu pai fornecia tijolos e telhas para as famílias interessadas em adquirir esses materiais. Além disso, ele foi responsável por fornecer todos os tijolos usados na construção da igreja local. João Grupelli descreveu minuciosamente o processo manual e artesanal de fabricação dos tijolos e telhas. Ele explicou que, apenas quando ficou mais velho, a família adquiriu uma máquina para auxiliar na produção das telhas. Quanto à modelagem das telhas, ele descreveu: “aquí tinha uma madeira, um cabo assim [gesticula] do comprimento da telha, então era redondo assim, então fazia de barro assim, botava em cima daquela ponta, passa as mãos pra botar o barro na madeira [...] e depois botava pra secar” (João Grupelli, 2005).

Vieira (2009) dedicou seus estudos à localidade Grupelli e fez diversas referências à olaria pertencente à família. Ela relata que os Grupelli eram proprietários de uma olaria localizada inicialmente na zona urbana de Pelotas, desde 1876, e que posteriormente transferiram-se para a zona rural, onde a família permanece até os dias atuais. De acordo com a mesma autora, a família adquiriu terras na Colônia Municipal no ano de 1905. Isso significa que a olaria mencionada pelo senhor João Grupelli, que fornecia tijolos e telhas para os moradores da região, estabeleceu-se na área após o período de imigração, que, segundo Peixoto (2002), teve início em 1883 ou 1884. Portanto, concluímos que até 1905 os colonos não tinham fácil acesso a materiais de construção industrializados, o que os levava a recorrer às técnicas construtivas vernaculares.

De forma geral, as casas construídas com alvenaria de tijolos de barro cozido são as mais comuns na região de estudo, e não apenas nela. No entanto, essas casas foram edificadas em momentos diversos por pessoas de várias etnias que habitaram a área.

Além dessas, também existem as casas construídas com a técnica do pau a pique, como o *barracón*, por exemplo. Como descritos pelo senhor Antônio Aldrighi, mencionado anteriormente, e pelo senhor Jordão Camelato, que foi entrevistado em 2005 aos 64 anos.

Carlos Lemos, na obra em que sintetiza parte da história da arquitetura e do urbanismo na cidade de São Paulo, diz: “um dia veio a estrada de ferro, trazida pelo café. E, com ela, o imigrante e, com ele, o tijolo. À alvenaria de tijolos, a água da chuva não fazia mal algum e assim a cidade ganhou novas ruas [...]” (Lemos, 2013, p. 34); e ele segue o parágrafo falando sobre o crescimento da cidade decorrente do advento do uso dos tijolos na construção civil popular.

Embora Lemos (2013) mencione exatamente os imigrantes italianos, porém em São Paulo, na região da Antiga Pelotas não é possível atribuir a eles essa “inovação” construtiva. Já havia outras pessoas, de etnias diversas, utilizando o tijolo antes deles. Podemos citar os portugueses, os açorianos, os alemães e os pomeranos como exemplos de grupos que já usavam tijolos de barro antes da chegada dos italianos à região. Dessa citação, é importante destacar a questão da efemeridade das edificações que utilizam as técnicas da taipa, incluindo o pau a pique. Essa técnica envolve uma estrutura de madeira preenchida com barro (Figura 2), e a chuva representa um grande desafio para esse tipo de construção, uma vez que a água da chuva pode “lavar” o barro e comprometer a estrutura.

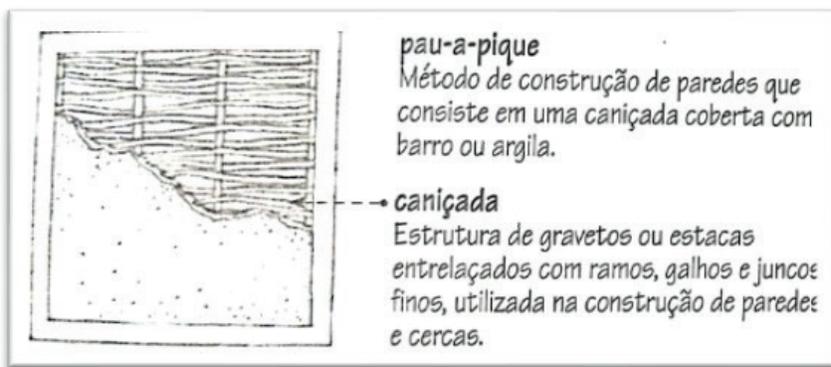


Figura 2 – Croqui do sistema pau a pique.
Fonte: Ching (2010).

Assim, não é surpreendente que não encontremos nenhuma casa de pau a pique no território estudado. No entanto, alguns dos entrevistados narram que essa era uma técnica construtiva bastante comum. Ela foi inclusive a alternativa escolhida para a construção do edifício que acolheu esses imigrantes, que os narradores afirmam ter sido construído pelo governo: o *barracón*.

2. O uso da madeira como material de construção

Tradicionalmente, atribui-se aos imigrantes italianos a preferência pelo uso da madeira na construção no RS. Entretanto, a maioria dos estudos que abordam a arquitetura italiana e constataam essa preferência têm como foco a região serrana, localizada no Nordeste do estado. Um exemplo é:

Mesmo que a madeira fosse um material de construção pouco conhecido dos imigrantes, pela sua abundância, ou pela impossibilidade econômica de outra opção, foi largamente utilizada. [...] A quantidade e a qualidade das árvores nas colônias fizeram com que a madeira fosse o material mais empregado nas construções. **Possivelmente, o uso das madeiras nas construções tenha sido a característica mais forte da contribuição italiana à arquitetura da fronteira meridional do Brasil.** (Gutierrez; Gutierrez, 2000, p. 55, grifo nosso).

Após essa parte do texto, os autores ilustram a ideia, juntamente com outras ideias que se conectam, utilizando imagens de edificações em madeira situadas nos municípios de São Vendelino, Caxias do Sul, Antônio Prado e Pinto Bandeira. Essas cidades vizinhas estão localizadas na região serrana do RS. Entre as entrevistas analisadas, somente a senhora Angelina Casarin Zanetti mencionou que a primeira casa de seu avô imigrante foi construída com paredes de vedação em madeira.

Dona Angelina foi entrevistada pelo Mecom em 2000, aos 78 anos, e disse:

A primeira casa que eles fizeram era de tábua bruta. Mas eu não sei dizer se eram eles que serravam, como era. Devia ser com serrote, naquela época. Só sei dizer que eles fizeram, taparam a casa, a primeira casa que vieram morar, faziam as tabuinhas de machadinho assim, e pregavam, botavam tudo madeira. Agora não sei te dizer como é que eles tinham as ferramentas. Eles nunca contaram pra gente, né. E a gente poderia ter sido mais curioso pra saber, [...] eu sei que eles faziam tudo a machadinho, construíam assim e faziam muito soalho, tudo de madeira. (Angelina Casarin Zanetti, 2000).

Vários outros entrevistados também relatam que, na região da Antiga Pelotas, a madeira tinha diversas aplicações, sendo utilizada na estrutura de pau a pique, nos assoalhos, nos forros e nas telhas (*scándole*). Nas narrativas de muitos entrevistados, fica claro que as telhas de madeira eram amplamente empregadas pelos imigrantes para cobrir as casas, independentemente de as paredes serem de pau a pique, tijolos, madeira ou pedra. Com o passar do tempo, à medida que as condições financeiras melhoraram e a necessidade de substituir as telhas de madeira, degradadas pelo tempo, surgiu, os colonos começaram a optar por telhas de zinco ou de cerâmica, frequentemente adquiridas de olarias locais, como a olaria do senhor Virgílio Grupelli, pai do senhor João Grupelli, um dos entrevistados.

Dona Angelina Casarin Zanetti, Dona Irene Casarin Scaglione, o Senhor Jordão Camelato (mencionados anteriormente) e o Senhor José Luís Portantiolo (entrevistado pelo Mecom em 2000 aos 61 anos) e Dona Gema Voltan Zanetti Kurtz (entrevistada pelo Mecom em 2005 aos 66 anos), compartilharam informações sobre o telhado de “tabuinhas”. Dona Irene menciona a casa de pedra que pertencia à sua família, coberta com um telhado de madeira, que era a residência do Senhor Giusto Casarin e será abordada mais adiante. Ela relembra que, na infância, precisava auxiliar o pai na manutenção da casa:

Ela era tapada com tabuinhas, aquelas que os italianos faziam. Eles atoravam o pau: botavam a tora de pé e rachavam para fazer as tabuinhas para tapar as casas, porque não tinha com o que fazer, não tinham telhas, não tinha nada. Eu lembro porque eu ajudei o pai, quando eu era pequena. (Irene Casarin Scaglione, 2000).

A casa descrita por Seu José Luís Portantiolo, assim como a descrita por Dona Irene, era coberta com telhas de madeira e também tinha paredes de pedra. No entanto, o Senhor Jordão contou que a casa de sua família era feita de pau a pique e tinha o mesmo tipo de telhado das casas de pedra das famílias da Senhora Irene e do Senhor José Luís:

Eu sei que o pai falava que tinha um ranchão do outro lado do arroio aqui pertinho e era um ranchão; se falava ranchão, acho que era de pau-a-pique e com telha de tabuinha em cima, eles pegaram uns toquinhos de madeira, racharam com o machado no meio e pregaram assim, um em cima do outro, telha de tabuinha. (Jordão Camelato, 2005).

Já a casa de Dona Angelina era toda feita de madeira: estruturas, paredes e telhado, conforme o relato que já foi apresentado anteriormente. Isso significa que, independentemente da técnica construtiva das paredes, a telha “de tabuinha” era bastante comum, uma constante nas casas dos colonos italianos.

Alguns interlocutores não mencionam as telhas de madeira, porém falam da madeira que era utilizada para os assoalhos (Figura 3), portas e postigos⁴ (Figura 4) e nas estruturas, como pilares e vigas, vergas de portas e janelas (Figura 5) – e madeiramento do telhado (Figura 6), como exemplos. Além disso, nenhum dos entrevistados mencionou, mas a casa de pedra construída por Giusto Casarin tem o segundo pavimento com paredes de madeira (Figura 7).

4 Postigo: “[...] portinhola feita sobre a folha de uma porta maior” (Corona; Lemos, 1989, p. 387). No caso, portinhola sobre uma folha da janela.



Figura 3 – Barrotes e assoalho da casa Portantiolo Kowalski.
Fonte: autores (2022).



Figura 4 – Porta e postigo da casa Formentin.
Fonte: autores (2022).



Figura 5 – Verga da porta da casa Bassi.
Fonte: Bassi (2008, p. 23).



Figura 6 – tesoura da casa Zoggia.
Fonte: Bassi (2008, p. 16).

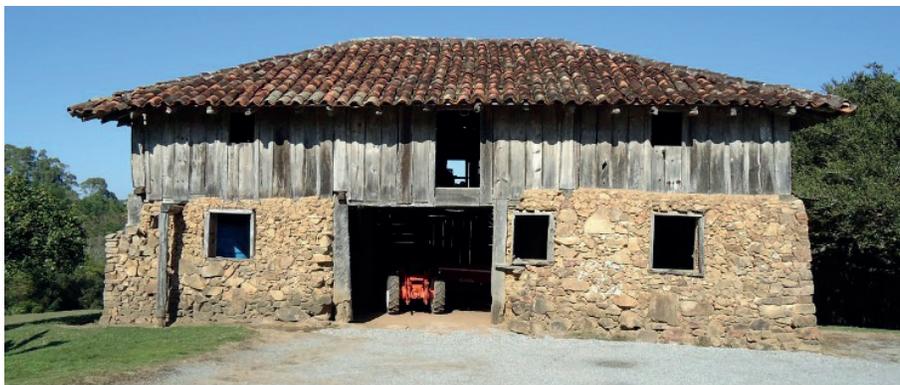


Figura 7 – Casa de pedra edificada por Giusto Casarin em 1888.
Fonte: autores (2010).

O uso da pedra como material de construção

Algumas casas de pedra, construídas por imigrantes, resistem à passagem do tempo na região da Colônia Maciel. O senhor João Casarin, entrevistado nos anos de 2000 e 2005, mencionou várias famílias que ele recordava como tendo construído casas utilizando pedras para a vedação das paredes, incluindo Giusto Casarin, Otílio e José Zoggia, bem como as famílias Bortollo, Francone e Formentin. Em seu trabalho, Bassi (2008) apresentou três casas de pedra das famílias Formentin, Zoggia e Portantiolo.

Alguns narradores relatam que suas famílias possuíam casas de pedra que foram demolidas. Por exemplo, o senhor Pedro Potenza (entrevistado em 2005) mencionou que, após venderem a propriedade, o novo proprietário derrubou a casa de pedras construída por seu avô usando uma retroescavadeira. O novo proprietário afirmou que aproveitaria as pedras para montar algo, embora não especificasse o quê.

O senhor José Luís Portantiolo contou que os seus avós construíram uma casa de pedra, na qual nasceu o seu pai e ele morou por um período. Ele contou que a casa ficou com a sua irmã, que a casa ainda existia, mas ninguém morava nela e justificou: “é muito difícil de se manter, porque a parede de pedra e barro é muito falsa, não tem amarração. A madeira começa a ficar velha e, no momento que tem uma goteira em cima da parede, amolece aquele barro e aquela armação e começa a cair” (José Luís Portantiolo, 2005).

A casa mencionada pelo senhor José (Figura 8) é uma das que foram estudadas por Bassi (2008) e ainda existe, embora esteja em condições precárias. Nós a visitamos no ano de 2022, quando verificamos que parte dela desabou. Em uma conversa informal, os atuais proprietários demonstraram consternação diante da iminente perda dessa casa. Eles expressaram o desejo de preservar a casa, especialmente como forma de homenagear seus antepassados, que sem dúvida enfrentaram uma série de dificuldades para construí-la. No entanto, a situação econômica da família não permite que a restauração seja uma prioridade.



Figura 8 – Casa Portantiolo.
Fonte: Bassi (2008, p. 18).

Dona Irene Casarin Scaglione, neta do senhor Giusto Casarin, conta que o avô construiu a casa com pedras brutas que encontrava no meio do mato e cobriu a casa com telhas “de tabuinha”. Atualmente, a casa foi toda reformada e está aberta à visitação de turistas. A família manteve a tradição da fabricação de vinhos, à qual incorporou recentemente também a fabricação de cerveja. No pavimento térreo é possível observar algumas das vigas de madeira trabalhadas rusticamente pelas ferramentas simples que os imigrantes tinham acesso (Figura 9). Algumas madeiras da estrutura foram substituídas por estarem estragadas, as madeiras das paredes do segundo pavimento foram trocadas por novas e o telhado, que já há algum tempo não é mais de madeira, teve o ponto da cumeeira rebaixado (Figura 10).



Figura 9 – Pilar rústico.
Fonte: autores (2022).



Figura 10 – Casa de Giusto Casarin, atualmente Sede da Vinícola João Bento.
Fonte: autores (2022).

As pedras utilizadas na alvenaria das paredes variam de uma casa para outra. Tanto na textura, cor e tipo, quanto no acabamento que os imigrantes davam a elas. Em comum, os narradores contam que elas eram extraídas “no meio da lavoura”, como disse o senhor João Grupelli, ou “pedra bruta do mato”, como mencionou a senhora Irene Casarin Scaglione, o que coaduna com o que Gutierrez e Gutierrez escreveram a respeito das casas de pedra da região serrana do RS:

Retirar as pedras do terreno para construir teve, também, a função de desobstruir os campos para o plantio. No começo, as paredes eram levantadas com pedras sem nenhum acabamento, roliças. As maiores iam para as fundações; depois das primeiras fiadas, as alvenarias subiam duplas. Eram aparelhadas pelos lados externos, sendo o meio preenchido com uma mistura de pequenas pedras e barro pisoteado. Foram erguidos vários tipos de paredes de alvenaria: as de pedras irregulares, naturais ou lascadas; as de pedras laminadas e as com pedras talhadas, sendo os alicerces feitos com as mesmas pedras. (Gutierrez; Gutierrez, 2000, p. 60).

Entretanto, em visita à casa da família Portantiolo, fomos convidados a conhecer “o buraco no meio da lavoura” de onde o imigrante extraiu as pedras para a construção da casa, o que demonstra que nem todos os colonos utilizaram pedras soltas ou, pelo menos, nem todas as pedras foram encontradas soltas em meio ao terreno que receberia a plantação. Seu João Casarin, ao ser perguntado sobre como os imigrantes construíam as casas, disse: “Cavando pedra na lavoura, nos lugares aonde tinha rochas eles iam com alavancas, forçando o picão, e depois levantavam tudo com barro” (João Casarin, 2000).

A arquitetura vernacular repleta de patrimonialidade

A nossa [casa], quando meu pai veio pra cá, quando ele casou, comprou um pedaço de terra e fez, também, de pau-a-pique e barro, que a única coisa era fazer aquilo, porque aquilo não custava nada, não precisa comprar muita coisa, nada, só prego. (Antônio Aldrighi, 2005).

Em todas as casas relatadas pelos entrevistados, há uma característica comum: elas foram construídas utilizando materiais locais encontrados no terreno onde foram edificadas. Essencialmente, esses materiais eram terra, madeira e pedra. Todas as casas possuíam alicerces de pedra, além de portas, janelas e estrutura do telhado feitas de madeira. A principal diferença entre elas estava na forma como as paredes eram construídas, utilizando diferentes materiais como terra (taipa ou tijolos), madeira ou, nas construções mais duradouras, pedra. Apesar disso, a combinação desses três materiais era constante em todas as edificações.

Ao compararmos a literatura especializada da área com as diversas narrativas a que tivemos acesso, torna-se evidente que os colonos imigrantes escolheram técnicas construtivas variadas, todas elas alinhadas aos princípios da arquitetura popular/vernacular. Essa arquitetura, conforme observado por Weimer (2012), apresenta quatro características fundamentais:

Simplicidade: são utilizados materiais fornecidos pelo meio ambiente. A arquitetura é fruto da imaginação humana com um forte vínculo com a natureza, devido às limitações econômicas;

Adaptabilidade: os mais diversos imigrantes, provenientes, muitas vezes, de climas frios ou extremamente frios, adaptaram suas técnicas tradicionais e seus modos de edificar às circunstâncias locais;

Criatividade: enquanto a arquitetura erudita é controlada e dominada pelas

mais recentes pesquisas tecnológicas, sendo sujeitada ao emprego de materiais sofisticados, a arquitetura popular não tem esse compromisso e pode empregar diversos tipos de materiais e características formais e;

Modo de encarar o fenômeno da construção: enquanto na arquitetura erudita os projetistas partem de uma intenção plástica que traz a reboque a técnica construtiva, na arquitetura popular a forma plástica é resultado da técnica e dos materiais empregados (que dependem das técnicas conhecidas pelas populações e dos materiais disponíveis nos locais da sua edificação).

Não há dúvidas de que a arquitetura produzida pelos imigrantes italianos na Colônia Maciel enquadra-se na categoria de Arquitetura Vernacular/Popular e poderíamos iniciar uma discussão acerca das novas categorias do patrimônio que abarcam bens arquitetônicos desta natureza, já havendo, inclusive, uma Carta Patrimonial que discute o patrimônio construído vernáculo (Icomos, 1999), porém, aqui, interessa-nos evidenciar a importância que essas casas têm para a constituição da identidade dessas famílias.

Como exemplo, durante a entrevista do senhor Antônio Aldrighi, sua esposa, não nomeada nos arquivos, interveio e questionou: “Aquilo não tem como recuperar?”, quando o marido descrevia uma das casas de pedra, ao que o entrevistador respondeu que o ideal seria um projeto que servisse para proteger e recuperar todas as casas. A senhora, demonstrando conhecimento, disse: “Mas quando tem patrimônio histórico, tem essas coisas aí pra ajudar” – provavelmente se referindo às instituições que fomentam projetos de proteção e restauração, tais como Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (Iphae). E ela continuou: “Tinha que conversar com todos os proprietários, ver se teriam interesse e fazer um projeto, pois [as casas de pedra] estão se terminando por falta de manutenção”.

Esse desejo de preservar as casas de pedra e evitar que elas se deteriorem também foi expressado pelos atuais moradores da casa de pedra da família Portantiolo. O casal explicou que não dispunha de recursos financeiros para realizar a restauração e a manutenção da casa por conta própria. No entanto, eles destacaram a importância de envolvimento de algum órgão público interessado em investir na preservação do local.

Embora nem todos os entrevistados tenham uma clara compreensão de que essas casas são consideradas patrimônio, como têm a senhora Aldrighi e os atuais moradores da propriedade Portantiolo, é perceptível nas entrelinhas das entrevistas analisadas e nas conversas informais com os detentores desses bens, a importância que esses indivíduos atribuem às casas de pedra, que são únicas remanescentes do período da imigração.

Um fato que demonstra essa valorização atribuída às casas de seus antepassados é o cuidado meticuloso que é empregado para preservar essas construções ao longo do tempo. Um exemplo é a casa Portantiolo Kowalski (Figura 11), que, de acordo com os

relatos da senhora Soila Portantiolo Kowalski, passou por três substituições de telhas ao longo dos anos: originalmente com telhas de madeira, posteriormente trocadas por telhas cerâmicas planas e, mais tarde, por telhas cerâmicas do tipo “francesa”. Recentemente, algumas dessas telhas cerâmicas foram parcialmente substituídas por telhas de zinco. Além disso, sempre que partes das paredes se deterioraram, os proprietários agem prontamente para preencher essas lacunas com os materiais disponíveis, como pedras, tijolos, cimento e até mesmo as telhas antigas, como pode ser observado na Figura 12.



Figura 11 – Casa Portantiolo Kowalski.
Fonte: autores (2022).



Figura 12 – Consertos na casa Portantiolo Kowalski.
Fonte: autores (2022).

A família em questão tem diversos galpões na propriedade sendo alguns de madeira, outros de alvenaria e eles atenderiam às necessidades de armazenamento de maquinário e suprimentos, além da acomodação dos animais. Entretanto, a família vem investindo dedicação e dinheiro para manter a casa de pedra dos seus antepassados. Esse cuidado demonstra que a família percebe a importância do patrimônio do qual são os principais detentores.

Considerações finais

A região da Antiga Pelotas é rica em bens arquitetônicos dotados de patrimonialidade, mas que ainda não receberam um olhar institucional que lhes atribua o *status* de patrimônio. Entretanto, os detentores de tais bens, nos seus discursos e manifestações cotidianas, expressam o quão importantes são esses edifícios para a constituição das suas identidades de colonos descendentes de imigrantes.

Os imigrantes construíram suas casas utilizando materiais de construção naturais, encontrados nos terrenos (terra, pedra e madeira). Alguns construíram utilizando estruturas de madeira do tipo pau a pique com taipa de barro, outros com tijolos, com madeira e, ainda, com pedras. As casas de tijolos e de pedra são as que conseguiram

resistir à força da ação do tempo. Porém, as casas que utilizaram tijolos, por este ser um material de construção amplamente utilizado por todas as demais etnias que compartilham o território com esses sujeitos, acabam não recebendo a mesma atribuição de valor que as casas de pedra, casas que se destacam pela sua excepcionalidade.

É indiscutível que o passado compartilhado de escassez e superação das dificuldades une os descendentes dos imigrantes italianos da Colônia Maciel em torno de uma identidade étnica comum, como observado por estudiosos que se dedicam ao estudo da identidade étnica e camponesa. O árduo esforço e as múltiplas adversidades, enfrentadas pelos antepassados na construção de suas primeiras moradias, frequentemente emergem nos discursos daqueles que narram suas memórias e das gerações que os precederam.

Consequentemente, as casas de pedra, que permanecem como vestígios desse período mais desafiador de suas histórias, alcançam um *status* de patrimônio, uma vez que sua materialidade reflete toda a resiliência daqueles que enfrentaram adversidades decorrentes da escassez. A dificuldade de extrair, transportar, trabalhar e assentar cada uma dessas pedras é um tema recorrente nos discursos dos descendentes dos construtores. A madeira, extraída da natureza e moldada com o auxílio de ferramentas rudimentares, juntamente com o uso hábil do barro, todos esses elementos assumem o papel de testemunhas desse relato de escassez e superação de obstáculos.

Essas pessoas se orgulham não apenas da materialidade do prédio, mas das histórias que podem ser compreendidas, imaginadas e narradas com base nessa materialidade. Suas identidades são sustentadas por cada uma dessas memórias compartilhadas ao longo das gerações e essas memórias são potencializadas pelos edifícios remanescentes.

No entanto, essa interpretação não seria acessível apenas através da observação dos edifícios. As casas, por si só, não transmitem significado para um observador externo que não está conectado àquele grupo de colonos. É necessário ouvir as diversas histórias que os indivíduos locais têm para compartilhar sobre seus próprios passados e os de seus antepassados, a fim de compreender a verdadeira relevância da materialidade desses edifícios.

Ter acesso ao acervo de História oral do Museu Etnográfico da Colônia Maciel é de um valor inestimável. Ter a possibilidade de acessar as narrativas de indivíduos que tiveram vivências com seus antepassados imigrantes e que compartilharam uma ampla gama de memórias, essenciais para compreender a verdadeira importância desses edifícios para a comunidade, é um ganho significativo. Afinal, muitas dessas pessoas estão atualmente inacessíveis devido à idade avançada ou ao seu falecimento.

Dessa maneira, a História oral tradicional e, também aquela usada como fonte geradora de dados, se mostrou uma metodologia profícua para reconstituir a ideia de como eram as casas dos imigrantes que já não existem mais e para compreender a importância daquelas que sobrevivem à ação do tempo.

Referências

- ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 22., 2003, João Pessoa. *Anais [...]* João Pessoa: ANPUH, 2003. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6705/1346.pdf?sequence=1&is>. Acesso em: 8 dez. 2024.
- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ANJOS, Marcos Hallal dos. *Estrangeiros e modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2000.
- BASSI, Fabrício Torchelsen. *A Colônia Maciel no final do Século XIX: Arquitetura Vernacular na zona rural de Pelotas*. Monografia (Graduação em Artes Visuais) – UFPel, Pelotas, RS, 2008.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CANDAU, Joël. Memória ou metamemória das origens. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 37, p. 11-30, set. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/19531> Acesso em: 8 dez. 2024.
- CHING, Francis D. K. *Dicionário visual de arquitetura*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Dicionário da arquitetura brasileira*. São Paulo: Artshow Books, 1989.
- DAL FORNO, Rodrigo; CERQUEIRA, Fábio Vergara. Banco de história oral do Museu Etnográfico da Colônia Maciel. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, 20., 2011, João Pessoa. *Anais [...]* Pelotas: UFPel, 2011.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FETTER, Leila Maria Wulff. *A colonização ocorrida na área rural de Pelotas na segunda metade do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) – UCPel, Pelotas, RS, 2002.
- FREUND, Alexander. História oral como processo gerador de dados. *Tempos Históricos*, Marechal Cândido Rondon, v. 17, p. 28-62, 2013.
- GEHRKE, Cristiano. *Imagens e cotidiano de imigrantes alemães, franceses, italianos e seus descendentes na Serra dos Tapes/RS: descrição e interpretação dos acervos fotográficos do Museu da Imigração Pomerana, Museu da Colônia Maciel e Museu da Colônia Francesa*. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – UFPel, Pelotas, RS, 2018.
- GUTIERREZ, Ester; GUTIERREZ, Rogério. *Arquitetura e assentamento italo-gaúchos (1875-1914)*. Passo Fundo: UPF Editora, 2000.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Downloads de cartas e mapas*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/downloads-geociencias.html>. Acesso em: 8 dez. 2024.
- ICOMOS – INTERNATIONAL CONCIL ON MONUMENTS AND SITES. Carta sobre o patrimônio construído vernáculo. 1999. Disponível em: <https://5cidade.files.wordpress>.

com/2008/03/carta-sobre-o-patrimonio-construido-vernaculo.pdf. Acesso em: 8 dez. 2024.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Da taípa ao concreto*: crônicas e ensaios sobre a memória da arquitetura e do urbanismo. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

MEIHY, José Carlos Sede Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

NEIS, Fabiano. A imigração italiana através da história oral das italo-descendentes no Museu Etnográfico da Colônia Maciel – Pelotas/RS. *Oficina Do Historiador*, Porto Alegre, Suplemento Especial, p.655–670, 2014. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/oficinadohistoriador/article/view/19064>. Acesso em: 8 dez. 2024.

PEIXOTO, Luciana da Silva. *Memória da imigração italiana em Pelotas / RS - Colônia Maciel*: lembranças, imagens e coisas. Monografia (Licenciatura em História) – UFPel, Pelotas, RS, 2002.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, São Paulo, n. 15, p. 13-49, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>. Acesso em: 8 dez. 2024.

POULOT, Dominique. *Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI*: do monumento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RIOS, Diogo Franco; PEREIRA, Marcos Villela. O valor da narrativa dos infames para a história da educação. *História Da Educação*, Porto Alegre, n. 25, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/104118>. Acesso em: 8 dez. 2024.

SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: análise de representações sobre a identidade camponesa. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 7, p.78-96, 1992.

VICTORIA, Daniel Peter. O vinho e a italianidade na Vila Maciel. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 4., 2010, Pelotas. *Anais [...]* Pelotas: UFPel, 2010. p. 891-904.

VIEIRA, Margareth Acosta. *Uma rua chamada Gruppelli*: memórias reveladas pela fotografia. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – UFPel, Pelotas, RS, 2009.

WEIMER, Günter. *Arquitetura popular brasileira*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Fontes orais

ALDRIGHI, Antônio [82 anos]. [jun. 2005] Entrevistador: Fábio Vergara Cerqueira. Pelotas, RS. 17 jun. 2000.

CAMELATO, Jordão [64 anos]. [jun. 2005] Entrevistador: Daniel Victoria. Pelotas, RS, 26 jun. 2005.

CASARIN, João [jun. 2000] Entrevistador: Luciana Peixoto. Pelotas, RS, 17 jun. 2000.

CASARIN, João [jun. 2005]. Entrevistador: Fábio Vergara Cerqueira. Pelotas, RS, [?] jun. 2005.

FORMENTIN, Maria Z. [79 anos]. [jun. 2005] Entrevistador: Fábio Vergara Cerqueira. Pelotas, RS, 17 jun. 2000.

GRUPELLI, João [79 anos]. [ago. 2005] Entrevistador: Daniel Victoria. Pelotas, RS, 4 ago. 2005.

KURTZ, Gema Voltan Zanetti [66 anos]. [junho/2000] Entrevistador: Fábio Vergara Cerqueira. Pelotas, RS, 18 jun. 2000

PORTANTIOLO, José Luís [61 anos]. [jun. 2005] Entrevistador: Fábio Vergara Cerqueira. Pelotas, RS, 25 jun. 2005.

POTENZA, Pedro [jun. 2005] Entrevistador: Fábio Vergara Cerqueira. Pelotas, RS, 25 jun. 2005.

SCAGLIONE, Irene C. [89 anos]. [maio 2000] Entrevistador: Fábio Vergara Cerqueira. Pelotas, RS, 24 maio 2000.

ZANETTI, Angelina Casarin [78 anos]. [jun. 2000] Entrevistador: Luciana Peixoto. Pelotas, RS, 17 jun. 2000.

ZANETTI, Cesário [79 anos]. [maio 2000] Entrevistador: Suzana Longaray. Pelotas, RS, 20 maio 2000.

Recebido em 28/07/2023

Versão final reapresentada em 28/09/2023

Aprovado em 30/09/2024

Contribuições dos autores: Bosenbecker foi responsável pelo planejamento da pesquisa, análise de dados e redação do artigo; Cerqueira foi responsável pelo planejamento da pesquisa, pelo planejamento e execução das entrevistas e pela revisão e complementação do artigo.

Fonte de financiamento: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Afastamento das funções docentes para qualificação com manutenção da remuneração.

Conflito de interesses: nada a declarar.